

Ação terapêutica da psicanálise vista desde o paradigma da complexidade

Luiz Ernesto Cabral Pellanda¹, Porto Alegre

Este texto retoma a questão da natureza terapêutica da psicanálise para levar em conta o novo Paradigma da complexidade, que traz consigo a questão seminal da auto-organização dos seres vivos. Nos anos 40/50 do século XX, ocorre mudança radical na ciência com o aparecimento da cibernética, que leva a uma profunda reconfiguração ao abordar a realidade com ideias de sistema, auto-organização, indeterminação e de não linearidade. Desses fatos podemos reconhecer o surgimento de uma nova epistemologia, uma epistemologia complexa na medida em que não nos aproximamos da realidade de uma maneira reducionista, septada, mas de forma tal que todas as dimensões da realidade sejam vistas como configurando um sistema ser vivo – ambiente. Então, o que mudou em psicanálise com a mudança de paradigma? Pensar por um novo vértice não modifica aquilo que é observado, mas seu entendimento. Psicanálise continua a ser Psicanálise e continua dependendo dessa relação bipessoal que ocorre no setting. Como são trazidos argumentos pouco abordados em nosso meio, o autor estende-se na descrição dos trabalhos que evidenciam novas abordagens de realidade e dos novos termos para descrevê-las que foram incorporados recentemente no vocabulário científico.

Palavras-chave: *Psicanálise; Complexidade; Autopoiese; Acoplamento estrutural; Ontoepistemogênese*

¹ Psicanalista, efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Pesquisador (<http://lattes.cnpq.br/0481609389224093>).

“[...] esta estrada [o Paradigma Cartesiano] é um beco sem saída. Desde o momento em que Freud introduziu um objeto de estudo complexo, o inconsciente, inefável, a psicanálise tornou-se um novo tipo de ciência: uma ciência complexa. Como o observador faz parte dos fenômenos observados, nenhum observador ‘objetivo’, ‘neutro’ é possível. Heinz von Foerster e Wilfred Bion sugerem que os critérios de Popper não são aplicáveis à psicanálise. E não também para a física quântica ou neurociências que precisam de uma abordagem estocástica. O paradigma científico mudou, precisamos mudar juntos”² (tradução minha).

Introdução

Aqui é proposta uma revisão da questão da natureza terapêutica da psicanálise, por força da entrada em cena do novo Paradigma da Complexidade, que traz à baila a auto-organização dos seres vivos, em sua relação com seu desenvolvimento, obrigatoriamente ligado ao acoplamento com o meio circundante. Vida é o resultado de processos físico-químicos de auto-organização de cada ser vivo, ou seja, sua autopoiese. Na perspectiva da complexidade, nenhuma dimensão da realidade pode ser separada. Neste sentido, a unidade mente-corpo implica a admissão de que Neurociências e Psicanálise situam-se no mesmo eixo epistemológico, embora operando desde direções opostas, por estarem lidando com um mesmo objeto, o ser humano.

O trabalho *A natureza da função terapêutica da psicanálise*, de Strachey, publicado em 1934, foi um marco a seu tempo, tendo sido traduzido e republicado muitas vezes. Consoante com sua época, está baseado no paradigma cartesiano que pode haver ajudado o homem a ir à lua, mas impede o conhecimento adequado da natureza humana, complexa desde os genes até a vida mental, consequência do funcionamento cerebral de um organismo total.

Nos anos 40/50 do século XX, há uma volta radical na ciência, com o surgimento da cibernética que leva a uma profunda reconfiguração do modo de abordar a realidade, agora com ideias de sistema, auto-organização, indeterminação, e de não linearidade. Tudo indica que Freud, com o seu perfil transformador, já

² Comentário postado por mim em uma discussão no site da IPA sobre Psicanálise.

intuía esses novos vértices, considerando a natureza sem precedentes de seu objeto, o inconsciente, que, sendo um elemento sutil e inefável, rompeu desde o seu início com o positivismo dominante no seu contexto.

Desde então podemos reconhecer a emergência de uma nova epistemologia: uma epistemologia complexa na medida em que se aproxima da realidade de uma maneira não septada, de tal forma que todas as dimensões da realidade são consideradas como configurando um sistema. O conceito de conhecimento que daí decorre não depende mais unicamente da captação de dados externos, mas de uma organização interna baseada na autopercepção. A mente e a inteligência não são mais consideradas entidades autônomas, autossuficientes, mas precisam ser articuladas com as emoções e com o organismo como um todo (Bento Espinosa, Sigmund Freud, Henry Bérghson, António Damásio). Essa ideia é desenvolvida adiante. É aí que aparece nítido o caráter complexo da Psicanálise, no sentido de Morin (1991): “*Complexus* é aquilo que se tece junto” (p. 13), e como ela pode se potencializar, se vista desde a perspectiva da complexidade. Freud foi um dos primeiros a usar a palavra complexo para se referir aos fenômenos da vida inconsciente, ainda que não gostasse dessa palavra pelo receio de que o uso dela gerasse uma acomodação que impedisse o aprofundamento da pesquisa da complexidade subjacente.

Um pouco de história

É importante lembrar que Freud era um cientista inserido em um contexto cartesiano, tendo feito a sua formação em um laboratório de fisiologia, onde estudava neurônios com o auxílio de coloração por sais de prata que ele mesmo havia aperfeiçoado. Era um observador muito arguto e valorizava o conhecimento empírico acumulado ao longo de séculos de civilização e especialmente o conhecimento intuído pelos poetas, que já falavam de *inconsciente* muito antes de que ele o houvesse descrito cientificamente. Entretanto, se por um lado Freud valoriza a intuição dos poetas que antecipam noções que a ciência vai abordar depois, por outro a considera de pouca confiabilidade, sujeita que é aos caprichos da fantasia de cada um, pois somente a ciência pode fazer afirmações respaldadas por dados empíricos. É na Complexidade que a intuição é resgatada na medida em que o conhecimento intuitivo envolve o sujeito por inteiro. Em Espinosa (1983), ela é o gênero mais perfeito do conhecimento e, em Bérghson (1970), é uma metodologia complexa para abordar uma realidade em fluxo na qual conhecer e viver são inseparáveis. Há, portanto, a necessidade de uma lógica não linear. É a lógica da

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

abdução (Bateson & Bateson, 1987; Peirce, 1992) que trabalha com metáforas, levando o analisando/analista a um trabalho mental/emocional intenso, disparador de *insights* e com as consequentes reconfigurações. Ademais, nós vivemos imersos em uma *realidade virtual* porque nossos sentidos apenas *interpretam* o mundo que não está dado, mas é posto em ato no viver. Então estamos constantemente realizando nossa virtualidade no viver (Lévy, 1996).

A humanidade já crescia e se multiplicava muito antes de entender minimamente os *como* e *porquês* de suas condutas... Ou seja, não é o conhecimento intelectual que torna possível o uso de nossa fisiologia... É claro que, em sabendo, podemos fazer um melhor uso de nosso corpo e nossa mente. O próprio Freud (1923) nos alertou para

A dificuldade do trabalho de pesquisa em psicanálise é claramente demonstrada pelo fato de ser possível, apesar de décadas inteiras de observação cuidadosa, ignorar detalhes que são de ocorrência comum e situações que são características gerais, até que se imponham de uma forma indiscutível (p. 141, tradução minha).

Muito antes de que entendêssemos completamente o que fazíamos durante uma análise, o fato é que psicanálise melhorou a saúde e bem-estar de muitas pessoas, como muitos de seus leitores, eu inclusive, podemos atestar.

Houve um momento em que Freud estava muito entusiasmado, como diz em *Carta a Fliess*, de 1º de janeiro de 1896 (Jones, 1959, p. 294), com sua proposta de um sistema mental baseado em tipos de neurônio que, ou descarregavam sua tensão, ou eram capazes de adiar essa descarga e criar uma rede que podia dar origem à memória, condição evidente para uma vida mental como se concebia na época, basicamente consciente, à qual Freud demonstrava depender também de uma fração diferente dela, que ele chamou inconsciente. Muito antes de Hebb (1949), Freud afirmou que neurônios que disparavam juntos reforçavam sua ligação, enquanto os que não disparavam juntos enfraqueciam sua relação recíproca. Foi também o primeiro a mencionar a hipótese de neurônios formando redes capazes de aprender.

A escassez dos conhecimentos de fisiologia cerebral obrigaram-no a deixar de lado este projeto, mas o fato de que eventualmente tenham sido conservados os manuscritos, esquecidos por ele em posse de Fliess, resgatados por Marie Bonaparte junto com cartas e esboços teóricos que aquele reteve consigo mesmo após o rompimento com o autor, e que foram postumamente publicados, permite reconhecer ideias originais que havia tido e que persistiram com novas roupagens, especialmente no famoso capítulo sétimo da *Interpretação dos sonhos* (1900).

Ou seja, Freud já havia intuído a complexidade do processo psicanalítico e esboçado uma epistemologia subjacente na medida em que procurava entender os mecanismos cognitivos como inseparáveis do funcionamento neural e emocional. Uma abordagem complexa na qual a teoria da vida não se separa do conhecer e do subjetivar-se.

No final do século XIX, a consciência *era* a vida mental, coincidia inteiramente com ela, dada por assentada e sequer definida em trabalhos contemporâneos, inclusive pelo próprio Freud³. Decorre disso a ênfase que ele dá à *existência do inconsciente* e à extensa pesquisa em torno de suas propriedades e peculiaridades.

Na década de trinta, quando Strachey se propõe a examinar este tema, começa por reconhecer a precariedade do fundamento teórico em uso, lembrando que foi como procedimento terapêutico que a psicanálise se originou.

Ainda hoje ela existe essencialmente como agente terapêutico. Podemos ser surpreendidos, entretanto, com a escassa proporção de literatura psicanalítica que se preocupa com os mecanismos pelos quais seus efeitos terapêuticos são alcançados (1934, p. 95).

Não tendo claros os fundamentos teóricos da Psicanálise e o reconhecimento de uma epistemologia subjacente, torna-se impossível distinguir o que seja uma *interpretação profunda* de outra que não o seja, qual interpretação é correta, qual inadequada ou equivocada e que diferença isto faz no processo de cura ou ainda o que seja *cura*. Entretanto, mesmo com diversas versões de técnica e de teorias várias, a ponto de Wallerstein (1968) ter se questionado se haveria *uma ou várias* psicanálises, o fato é que muitas pessoas seguiam se beneficiando, o que demonstra que algo mais existia entre analista e analisando do que o descrito até então. O que essa empiria queria nos dizer? Como fazer essa escuta sensível relacionando o empírico com a teoria? Como saber o limite dos pressupostos clássicos e a percepção do complexo? Essas são questões que hoje atropelam os psicanalistas e que não se pode deixá-las passar ao largo.

Havia uma ideia de que todas as pessoas possuíam um excesso de libido que as levavam a se ligar a novos conhecimentos na medida em que estes iam ocorrendo. Aqui um interessante detalhe, porque se estaria explicitando um mecanismo do que Aristóteles dizia: *seres humanos são seres sociais – politikon* em grego antigo tinha o sentido de social, não o político de hoje em dia... O mecanismo dessa

³ Aliás, só recentemente começou a ser questionado de onde mesmo vem a consciência, como se origina do funcionamento neuronal – é um fenômeno emergente?

peculiaridade que humanos partilham com primatas superiores, talvez possa ser explicado pela existência dos chamados *neurônios espelho* (Rizzolatti & Craighero, 2004) que nos habilitam a *fazer como o outro faz*, aprender por imitação e, inclusive, perceber o estado emocional do outro pela repercussão em nós mesmos. A meu ver, é possível que estejamos aqui diante dos mecanismos fisiológicos que sustentam a transferência como tal e a empatia entre humanos de modo geral. É importante ressaltar que a emoção é a base da comunicação, ergo, da linguagem, que, não só nos distingue dos primatas não falantes como permite a construção de autonarrativas essenciais para o desenvolvimento da análise pessoal.

Um novo paradigma não acontece de um momento para outro, como assinala Kuhn (2005); vai se infiltrando nas frestas que se abrem no paradigma anterior. A proposta de Freud de estudo do inconsciente, um sujeito complexo, é já um primeiro abalo ao edifício cartesiano. Poincarè, com os números irracionais, e Einstein, com o efeito fotoelétrico que leva à teoria quântica, são outros tantos abalos sofridos pelos reducionistas que excluíam tudo que não fosse *res extensa* da ciência oficial. Na década de quarenta do século passado, as necessidades de respostas para questões complexas que iam desde cálculo de trajetórias balísticas até controle de emoções humanas de pessoas submetidas a estresses de guerra, levaram um médico que atendia uma menina com uma síndrome misteriosa a propor uma conferência de diversos especialistas, inspiração para outras que se repetiram por vários anos e vieram a ser conhecidas como *Conferências Macy*, nome de seu patrocinador e pai da paciente original que desencadeou o processo.

Em poucas palavras, estas conferências deram início a uma nova ciência, a Cibernética, por sua vez um conglomerado de saberes formando uma ciência transdisciplinar complexa. Um segundo momento é caracterizado pelo surgimento da *Cibernética de segunda ordem*, onde von Foerster (2003) introduz a noção de que *o observador está sempre incluído no fenômeno observado*. Então passamos de uma ciência em que o observador é externo ao fenômeno observado para outra em que ele faz parte dele. Ora, isto já era assim na Psicanálise, quase desde seu primeiro dia – desde o momento em que Freud destaca os fenômenos de transferência-contratransferência o analista passa a fazer parte do fenômeno observado. Esta é a razão de incluir Freud entre os pioneiros da Complexidade.

Antes de ir adiante, talvez seja oportuno lembrar aqui o trabalho de Heinz von Foerster, pai da cibernética de segunda ordem e criador do Laboratório de Biocibernética da Universidade de Illinois, em Urbana, onde trabalhou, entre outros, Humberto Maturana. Von Foerster (2003) chamou a atenção para o fato de que *pensar sobre o pensamento* gera uma segunda realimentação (*feedback*) do sistema que implica tomar consciência de aspectos negligenciados do processo de pensar,

atualizando os sentimentos que se referem às memórias e, conseqüentemente, modificando os caminhos neurais originais pela sobreposição de novos. Em um dos seus livros mais apreciados (*Understanding*), dá ênfase à circularidade dos fenômenos cibernéticos. Ele propôs *ordem pelo ruído*, algo que Henry Atlan (1979) foi adiante falando em *complexificação pelo ruído*. Daqui chegamos ao surgimento do conceito de autopoiese, proposto por Maturana, discípulo de von Foerster, que subverte a maneira de abordar o ser vivo, inclusive em um processo psicanalítico.

Humberto Maturana é um biólogo chileno com formação em Londres e em Harvard. Provocado por um aluno que lhe perguntou como distinguia um ser vivo de um não vivo, dedicou-se a encontrar uma resposta, publicada em um livro de 1984, onde expõe sua teoria da autopoiese, elaborada juntamente com seu discípulo Francisco Varela. O primeiro ser vivo foi aquele que se tornou autônomo ao construir uma membrana em torno de si, com o que passou a se distinguir de seu meio circundante e com o qual necessariamente faz trocas energéticas. Formam então um sistema em que um não pode ser pensado sem o outro. As trocas existem no sentido de que o ser vivo procura manter sua constituição dentro de certos parâmetros, sob pena de não subsistir. Estar vivo implica, pois, constituir-se, fabricar sua própria substância a partir das trocas com o meio, descarregando excessos e buscando faltas, mantendo sua homeostase e modificando o meio simultaneamente. A este processo chamaram os autores *Autopoiese* – do grego *auto*, por si, e *poiése*, construir.

Reafirmam os autores que bastam as leis da física para pôr em marcha todo o processo, dispensando qualquer teleologia ou forças ocultas. Daí considerarem seres vivos como máquinas, ainda que de um tipo especial, *máquinas autopoieticas*. Distinguem-se, então, de máquinas alopoiéticas, todas essas outras que fabricam algo diferente de si mesmas, como uma fábrica de pregos ou de refrigerantes. Seres vivos se distinguem por sua estrutura e por sua organização: a *estrutura* muda constantemente para manter a *organização* dentro dos limites homeostáticos adequados. Possuem dois domínios de atividade: aquele com seu meio (conduta) e aquele com seu interior (fisiologia), que não são redutíveis um ao outro, não se intersectam. A partir da fisiologia, não se pode deduzir a conduta e vice-versa. Quando um neurologista diz que *antecipa* um fracasso de conduta – por exemplo de um movimento de tocar a ponta do nariz – ao perceber ondas cerebrais que precedem esse ato defeituoso, na verdade está apenas reafirmando que o que nasce torto termina torto, pois trata-se de um processo inteiro que não pode ser dividido, ainda que pareça estar usando um privilégio temporal numa sequência que *ainda não ocorreu*. Na verdade, por observar apenas a imagem de *scanner* cerebral é

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

impossível dizer se o sujeito faz o movimento ou apenas pensa em fazê-lo ou ainda se o faz com um *membro fantasma* – que sequer está ali...

Seres vivos evoluem e, eventualmente, desenvolvem um sistema nervoso que centraliza certas funções reguladoras, ampliando as possibilidades que um simples arco reflexo permite em termos de resposta a estímulos. Cérebros humanos não são os maiores entre seres vivos, mesmo que apenas proporcionalmente: elefantes e baleias nos superam amplamente neste item, mas não naquilo que nos transformou em *homo faber* ou, neste em que a linguagem nos faz diferente dos demais, *homo sapiens*. Em qualquer nível evolucionário, entretanto, o ser vivo *sabe* tudo o que é necessário para desenvolver seu modo de vida. Viver e conhecer são congruentes um com o outro.

Ainda de acordo com Maturana e Varela (1984), cérebros são redes neuronais fechadas que se comunicam com o exterior apenas por seus sensores (os sentidos) e por seus efetores em placas neurais de músculos e glândulas. Como consequência, qualquer atividade cerebral que se observe não é uma *representação* do mundo exterior, mas uma interpretação dele, peculiar a cada observador, ainda que possam chegar a acordos de que mais de um observador está vendo *um copo*, não se pode garantir que estejam vendo o *mesmo* copo, na medida em que diferenças sensoriais (astigmatismo ou daltonismo, por exemplo) e associações afetivas *mudam* aquilo que se (pode ver) vê... Há quem diga que as figuras esguias de Modigliani se deviam a um astigmatismo de eixo vertical que o pintor teria... Neste sentido, as histórias contadas por Oliver Sacks (1970) mostram o quanto é recente o estudo dos limites dos sentidos (há quem *veja* cores em números, ou ouça sons em letras). Imagens de tractografia do cérebro (que mostram os caminhos percorridos pelos impulsos neurais dentro das vias cerebrais) mostram que apenas vinte por cento das fibras que partem da retina se dirigem para a zona occipital, que também recebe informações de zonas frontais e parietais.

Ver é resultado de uma análise da imagem obtida na retina *mais* toda a experiência acumulada nas demais zonas cerebrais. Ver depende de um aprendizado que é inseparável da ação com o ambiente, o que é muito diferente da ideia de adaptação do *fitness* darwiniano. Nesse processo vivo de acoplamento com o ambiente nada está dado previamente, as informações que chegam do ambiente não determinam o que acontece com o ser vivo, mas disparam mecanismos internos que são autopoieticos. Outra consequência deste processo é que demonstra ser inadequado falar em *representação* do ambiente ou do meio externo no interior do organismo. A isto Maturana chama *acoplamento estrutural*.

Na verdade, só se vê aquilo que se aprendeu a ver. A famosa experiência de alunos de Varela (1991, pp. 174/5) com gatinhos recém-natos mostra bem o

quanto *ver* depende de um aprendizado, que se passa no mais recôndito do ser. Uma ninhada foi dividida em dois grupos – a um se permitiu que explorasse amplamente o ambiente por duas horas ao dia, enquanto o outro grupo era carregado em um carrinho atrelado aos primeiros. Andaram pelos mesmos lugares, mas não interagiram com o ambiente por estarem restritos ao carrinho. Passado certo tempo foram liberados sobre a mesa do laboratório. Os do primeiro grupo se comportaram como gatinhos normais, enquanto os do segundo se comportavam como se cegos fossem: batiam nos objetos em frente deles, caíam da mesa se não fossem amparados.

Inversamente, não haver usado as mãos por sessenta anos porque, sendo cega de nascença, sempre se antecipavam a ela para cuidá-la e alimentá-la, não impediu que uma paciente de Sacks (1970, p. 75), cujas mãos eram meros amontoados de carne, segundo ela, aprendesse a usá-las quando foi construído o ambiente adequado, que incluiu o uso das mãos, permitindo fazer seu novo acoplamento estrutural.

Não basta possuir os órgãos dos sentidos, é necessário estabelecer o acoplamento (estrutural) com o mundo. A meu ver, isto ilustra ideias de Bion sobre preconceção. Tenho que os novos conhecimentos advindos das neurociências demonstram as origens fisiológicas dos achados da psicanálise e, muito mais dos que contrariá-los, os completam.

É, talvez, oportuno lembrar aqui o artigo pioneiro de Mitterauer e Pritz (1978) sobre *O conceito do Self: uma teoria da auto-observação*, onde eles comentam sobre a mudança de paradigma do observador independente do objeto para o observador incluído, tal como expresso na epígrafe de Heinz von Foerster: *Eu sou a relação entre o eu observado e eu observando a mim mesmo*. Eles também são, segundo penso, os primeiros a incorporar em Psicanálise a noção de auto-organização proposta por Maturana em seu *Biologia da cognição* de 1970 e no texto seminal de 1975 *A organização do vivo: a teoria da organização da vida*. Ainda vale lembrar o trabalho de Seligman (2005) *Dynamic systems theories as a metaframework for psychoanalysis*, onde este propõe a Teoria dos Sistemas como um enquadre adequado para a Psicanálise, com o que estou inteiramente de acordo.

O problema com que se enfrenta a neurociência atual é a falta de uma teoria consistente de funcionamento mental. Estudam-se neurônios isolados, conjuntos de neurônios, e se conseguem feitos notáveis como fazer um macaco jogar videogame só com o pensamento (Nicolelis, 2001). Há mesmo uma proposta de teoria do funcionamento do cérebro como entidade relativística (Cicurel & Nicolelis, 2015), mas ainda não há, no âmbito das neurociências, uma teoria integrada do funcionamento da mente que sequer se aproxime daquela proposta pela Psicanálise

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

de Freud e seus seguidores. Nela se encontra uma teoria do desenvolvimento fisiológico que inclui o aspecto afetivo e cognitivo que passa pelas diversas fases do desenvolvimento sexual até a maturidade adulta, ainda que frequentemente não completada pela existência de neuroses e outras patologias, inclusive por força de imperativos políticos ou religiosos. Não cabe, aqui, me prolongar sobre ela, amplamente disponível na literatura especializada, mas gostaria de lembrar que também Morin (2011) pensa que a Psicanálise como ciência é mais importante do que como terapêutica, pelos resultados amplos em modificar a cultura humana a partir do século passado.

Estou com Bion (1992, p. 126) quando ele distingue o diálogo entre analista e paciente daquele entre dois amigos dizendo que os primeiros se propõem a uma atividade científica de buscar a verdade, necessariamente a do analisando. Na prática, o que um analisando faz é descrever uma autonarrativa em um ambiente privilegiado (*setting*) onde, por um lado, se sente amparado (*holding*) e compreendido (como função da *rêverie*) e, por outro, livre para expressar suas “loucuras” ou o que toma por tais. É interessante lembrar aqui que, se considerarmos o princípio da auto-organização e uma abordagem complexa, precisamos considerar a autonarrativa como instrumental da autopoiese que ocorre durante a análise.

Talvez importe menos o que o analista interpreta do que o acolhimento que o analisando sente. Lembro um exemplo do Dr. Bryce Boyer em uma conferência em Porto Alegre na qual ele relata haver se mantido em silêncio por seis meses enquanto atendia uma paciente psicótica que nada falava durante a sessão, o que causou frisson na plateia, basicamente de kleinianos, que se horrorizaram com tal passividade. Como a paciente seguiu em análise e quatro anos depois estava bem, é obrigatório pensar que ele deu a ela o que ela estava necessitando naquele momento: paz, não interferência no sentido de antecipar algo que tem a ver com nossa ansiedade e não com o que ela necessitava. Relembrando que *comunicação* é uma estrada de duas mãos, é fundamental entender o que o analisando pretende com o que diz ou com seu silêncio. Pode não ser o que nossa primeira impressão faz supor. Daí a necessidade de abstinência, no sentido de evitar antecipar sentidos onde ainda não os há. Bion (1992, p. 19) cita Poincaré quando diz que a interpretação deve ser o estímulo para destacar *o fato selecionado* de modo que o analisando possa rever suas associações e pensar seus pensamentos de novo, fechando o que von Foerster diria ser uma cibernética de segunda ordem. O importante aqui é assinalar que, independentemente das palavras ouvidas, ouvi-las gera um desequilíbrio, uma perturbação interna no analisando que, autopoieticamente, se reequilibra a seguir, refazendo sua homeostase, eventualmente mudando levemente seu ponto de vista a respeito de si próprio.

É importante lembrar que seres vivos trocam energia com o meio ambiente, mas são fechados à informação. Qualquer estímulo do exterior perturba o ser de acordo com a sua estrutura; assim, o mesmo raio de sol pode “causar” um bronzeado em minha epiderme e pode “causar” fotossíntese em uma folha verde. As *aspas* servem para expressar o que percebemos, não o que realmente acontece. É claro, que se o *distúrbio* está além da capacidade de manter a organização, de modo a poder se recuperar, o ser vivo morre.

Outras considerações

A partir do momento em que se aceita a *autopoiese* como mecanismo válido de explicar o vivo, algumas ponderações devem ser acrescentadas ao raciocínio clínico. Todos os seres vivos evoluem como seres autônomos de acordo com regras fixadas ao longo da evolução, e estas preveem mecanismos de compensação de eventuais desvios na ontogenia pessoal, desde que, como em tudo o que é vivo, certos limites sejam respeitados. Por exemplo: um ferimento que implique solução de continuidade da pele, músculos ou ossos pode evoluir para uma cicatrização, desde que o ser continue vivo. *Na verdade, a saúde é o “default”, sendo a doença a exceção.*

Quanto à vida mental, os princípios gerais são os mesmos dos demais seres vivos, mas seres humanos possuem um diferencial significativo: a linguagem, que permite a vida em comum em um outro nível de integração e que, muitos pensam, foi mais importante em moldar o cérebro humano do que a oposição do polegar ou o andar ereto. A linguagem permitiu a expressão de afetos, mesmo que de forma insuficiente, como reconhecem os poetas e os apaixonados, mas sempre de forma menos ambígua do que a simples percepção de gestos e expressões faciais. É também a linguagem que me permite tomar consciência de mim mesmo, registrar meus pensamentos e sentimentos e de compartilhá-los com meus semelhantes. Essa interação resulta por estabelecer os padrões a serem aceitos por certa sociedade em certo tempo. A loucura já foi considerada como expressão divina e a homossexualidade como perversão pecaminosa – e ainda hoje o é em muitos grupos humanos. É a linguagem a base das autonarrativas, processo subjacente a todo o fazer psicanalítico.

A questão da linguagem nos seres humanos coloca outro grau de complexificação no sentido de introduzir uma nova dimensão no relacionamento, representada pela *inteligência coletiva*, ou seja, o fenômeno em que o total é maior do que a soma das parcelas, quando estamos falando de pessoas colaborando. Esta

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

é uma posição básica de Pierre Lévy (1996, 1998). O relacionamento que ocorre no setting talvez seja um dos melhores exemplos de inteligência coletiva, porque nenhum sozinho conseguiria os mesmos resultados, ainda que considerando a autoanálise como uma possibilidade real.

Consciente e inconsciente, Ego, Id e Superego, primeira e segunda *tópicas* são *categorias* no Paradigma Cartesiano em que foram concebidas. *Categorias* no sentido de serem estruturas determinadas, rígidas, contidas em si mesmas. Com a vigência do novo paradigma da complexidade devem ser vistas como *marcadores operatórios* que se modificam ao longo do processo ontogênico de cada um, a cada perturbação do sistema correspondendo uma reconfiguração autopoietica de modo a restabelecer a homeostase.

Realimentando

Retornando à questão inicial: o que muda com a mudança de paradigma? Com a mudança paradigmática a Psicanálise continua sendo Psicanálise, o que muda é o entendimento do que fazemos e por que o fazemos.

Freud era médico e partiu do estudo de doentes para a concepção de seu modelo de funcionamento mental. Espinosa era um filósofo e com seu conceito de *conatus* (em certo sentido coincidindo com o instinto de vida de Freud) partia da ideia de que a alegria e a felicidade reforçam a saúde. Maturana é biólogo e partiu das origens da vida e de seu desenvolvimento na ontogenia de cada ser para construir sua ideia do que é *um ser humano*: em princípio são seres baseados no amor – e acrescenta: *falo do lugar da biologia, não da filosofia ou da medicina*. Para Freud, a análise é interminável, sempre resta alguma neurose, algum sofrimento, ainda que tolerável e passível de manejo analítico pelo próprio sujeito. Para Espinosa (2008), só o ser humano pode exercer sua crítica sobre as ideias de modo a privilegiar as verdadeiras, com o que seriam evitados sofrimentos causados pelas falsas ideias ou ideias inadequadas. Para Maturana, o processo ontogênico só termina com a morte do ser vivo, enquanto o ser está vivo, está aprendendo, está se complexificando, diríamos nós. Isto levou N. Pellanda (2009) e seu grupo *Gaia* a cunhar o termo *ontoepistemogênese* para descrever este contínuo do aprender e ser, simultânea e inseparavelmente.

Se nós *aprendemos* a olhar, ou a ouvir, ou a viver, se esse aprendizado se dá, como descrito acima, por conta de um processo de relacionamento com o meio, um acoplamento estrutural, então a Psicanálise age por proporcionar novas oportunidades de acoplamento com novas situações vitais, mediadas pelo espaço

afetivo da transferência – contratransferência e, ao fazê-lo, permite a autopoiese contínua de ambos os participantes, analisando e analista. Não existe *transmissão* de informações, por isso temos duas autoanálises simultâneas sendo realizadas pela dupla no *setting*, ainda que não sejam simétricas pela maior experiência que se espera de parte do psicanalista.

O fato é que o *setting psicanalítico* como historicamente proposto tem se mostrado um ambiente propício para a mudança autopoietica de maturação pessoal e aumento de autonomia por parte de ambos os participantes da dupla psicanalítica. Do mesmo modo como se pode aprender *apesar* do professor, um sintoma pode ser *curado apesar* do psicanalista, embora obviamente não seja essa uma situação desejável, ainda que possível, tendo em vista que o processo analítico ocorre pela mudança estrutural do analisando. De qualquer modo, é importante lembrar que é a estrutura do ser humano o fator crítico determinante para sua percepção de seu ou sua psicanalista, e que ambos formam uma equipe que ou trabalha em conjunto ou leva o processo a um impasse. Cada interpretação, cada intervenção ou mesmo a ausência de uma, somente adquire sentido pela elaboração autopoietica do analisando, com todas as idiossincrasias de seu modo peculiar de ser, num acoplamento estrutural próprio dele, enquanto tenta intuitivamente repetir o processo mental que julga estar ocorrendo na mente do analista.

Por seu turno, consciente ou não, acima ou abaixo do limiar da consciência, ocorre uma realimentação do sistema (*feedback*) na autoanálise do analista, que se desenrola simultaneamente com a do analisando (Pellanda, L. E., 1996). Bion (1962) também pensa algo assim ao falar do desenvolvimento do filho e de sua mãe, para o qual usa a denominação *comensal* para acentuar a vantagem recíproca: “Em termos de modelo, a mãe obtém benefícios e crescimento mental com a experiência: a criança, por outro lado, também consegue beneficiar-se e continuar crescendo” (p. 91).

Se para olhar foi preciso aprender a fazê-lo por via de estar ativamente no ambiente, se para usar as mãos é necessário agir com elas no entorno, se distúrbios neuróticos ocorrem por inadequado funcionamento dos modos naturais de controle interno, na sua interação com seu meio, então a ação terapêutica da psicanálise se dá por oportunizar ao analisando (e ao analista) o contínuo envolvimento afetivo e corretivo em um ambiente controlado, onde o *holding* é pressuposto e onde é se exposto progressivamente a novas experiências que exigem reestruturação interna, pensar sobre seus pensamentos de forma recursiva usando o analista como modelo, aprender a aprender por agir no ambiente e propiciando acoplamentos estruturais, ou seja, a realizar sua própria autopoiese.

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

Agradecimentos

Se nenhum ser humano é uma ilha, tampouco nenhuma ideia é órfã de nascença. Agradeço a todos que me trouxeram até aqui, incluindo especialmente o Grupo de Estudo de Epistemologia Psicanalítica da SPPA e Nize Maria Campos Pellanda, minha parceira há mais de meio século, sempre minha coautora. □

Abstract

Therapeutic action of psychoanalysis seen from the Complexity paradigm

This text retakes the question of the therapeutic nature of psychoanalysis to take into account the new Complexity paradigm, which brings with it the seminal question of the self-organization of living beings. It is a question of including Psychoanalysis in the context of the other human sciences, since we all have the object of the human being in its manifold manifestations. The work of Strachey (1934) was a landmark in its time, translated and reedited several times. It has been very useful for many years, since it is practically the only one to propose an explanation for the way of acting of psychoanalysis. In the 40s/50s of the twentieth century, radical change in science occurs with the emergence of cybernetics that leads to a profound reconfiguration in approaching reality with ideas of system, self-organization, indeterminacy and non-linearity. From these facts we can recognize the emergence of a new epistemology, a complex epistemology insofar as we do not approach reality in a reductionist way, septate, but in such a way that all dimensions of reality are seen as configuring a system *living being - environment*. So, what has changed in psychoanalysis with the paradigm shift? Thinking about a new vertex does not change what is observed, but its understanding. Psychoanalysis continues to be Psychoanalysis and continues depending on this two-person relationship that occurs in the setting. The arguments brought being little discussed in our midst, the author extends the description of the works that demonstrate new approaches to reality and the new terms to describe them which have recently been incorporated into the scientific vocabulary.

Keywords: Psychanalyses; Complexity; Autopoiesis; Structural coupling; Ontoepistemogenesis

Resumen

Acción terapéutica del psicoanálisis vista desde el paradigma de la complejidad

Este texto retoma la cuestión de la naturaleza terapéutica del psicoanálisis para tener en cuenta el nuevo Paradigma de la complejidad, que trae consigo la cuestión seminal de la autoorganización de los seres vivos. En los años 40/50 del siglo XX, ocurre un cambio radical en la ciencia con la aparición de la cibernética que lleva a una profunda reconfiguración al abordar la realidad con ideas de sistema, autoorganización, indeterminación y no linealidad. De estos hechos podemos reconocer el surgimiento de una nueva epistemología, una epistemología compleja en la medida en que no nos acercamos a la realidad de una manera reduccionista, septada, sino de forma tal que todas las dimensiones de la realidad sean vistas como configurando un sistema *ser vivo - medio ambiente*. Entonces, ¿qué cambió en Psicoanálisis con el cambio de paradigma? Pensar por un nuevo vértice no modifica lo que se observa, sino su entendimiento. El psicoanálisis sigue siendo Psicoanálisis y continúa dependiendo de esa relación bi-personal que ocurre en el setting. Como se tratan argumentos poco abordados en nuestro medio, el autor se extiende en la descripción de los trabajos que evidencian nuevos enfoques de realidad y de los nuevos términos para describirlas que fueron incorporados recientemente en el vocabulario científico.

Palabras clave: Psicoanálisis; Complejidad; Autopoiesis; Acoplamiento estrutural; Ontoepistemogênese

Referências

- Atlan, H. (1979). *Entre le cristal et la fumée: Essai sur l'organisation du vivant*. Paris: Du Seuil.
- Bateson, G., & Bateson, M. C. (1987). *El Temor de los Angeles*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.
- Bérgson, H. (1970). *A intuição filosófica*. Lisboa: Colibri, 1994.
- Bion, W. (1962). *Learning from experience*. Nova York: Seven Servants, Jason Aronson, 1977.
- Bion, W. (1992). *Cogitações*. Trad. E. Sandler e P. Sandler. Rio de Janeiro: Imago. 2000
- Cicurel, R., & Nicoletis, M. (2015). *O cérebro relativístico*. São Paulo, Natal, Montreux, Durham: Kios Press.
- Espinosa (Spinoza), B. (2008). *Ética* (2a ed.). Edição bilingue Latim-Português. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica.

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

- Espinosa, B. (1983). *Coleção – Os pensadores*. Seleção de textos Marilena Chauí, tradução M. Chauí, et al. São Paulo: Abril Cultural.
- Freud, S. (1900). The psychology of the dream-processes. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, (Vol. V, pp. 509-609). London: Hogarth, 1953.
- Freud, S. (1923). The infantile genital organization (an interpolation into the theory of sexuality). In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, (Vol. XIX). London: Hogarth, 1961.
- Hebb, D.O. (1949). *The organization of behavior; a neuropsychological theory*. New York: McGill University, John Wiley & Sons.
- Jones, E. (1959). *Vida y obra de Sigmund Freud I*. Versão castelhana de Dr. Mario Carlinsky. Buenos Aires: Editorial Nova.
- Kuhn, T. (2005). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: erspectiva.
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual*. Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Lévy, P. (1998). *A inteligência coletiva*. São Paulo: Loyola.
- Maturana, H., & Varela, F. (1984). *El árbol del conocimiento. Las bases biológicas del entendimiento humano* (7a ed.). Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1990.
- Maturana, H., & Varela, F. (1994). *De máquinas e seres vivos – autopoiese – a organização do vivo* (3a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- Mitterauer, B., Pritz, W. (1978). The concept of the self: a theory of self-observation. *Int. Rev. Psycho-Anal.*, 5, p. 179.
- Morin, E. (1991). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E. (2011). *Meus filósofos*. Trad. E. Carvalho e M. Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- Nicolelis, M. (2001). Actions from thoughts. *Nature*, 409 (6818): 403-407.
- Peirce, C. S. (1992). *Ilustrações da lógica da ciência*. São Paulo: Ideias & Letras, 2008.
- Pellanda, L. E. (1996). Autoanálise: o outro lado do conhecimento. In N. Pellanda & L. Pellanda (Orgs.) *Psicanálise hoje: uma revolução do olhar*. Petrópolis: Vozes.
- Pellanda, N. (2009). *Reflexões sobre um laboratório conversacional e a emergência de processos cognitivo-subjetivos*. ANPED [Reflections on a conversational laboratory and emergency of cognitive-subjective process]
- Rizzolatti, G., & Craighero, L. (2004). The mirror-neuron system. *Annu. Rev. Neurosci.*, 27: 169-92.
- Sacks, O. (1970). *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*. Trad. Laura Mota. São Paulo: Schwartz, 2007.
- Seligman, S. (2005). Dynamic system theories as a metaframework for psychoanalysis. *Psychoanalytic Dialogues*, 15 (2): 285-319.
- Strachey, J. (1934). A natureza da ação terapêutica na psicanálise. Tradução de Eliana Lazzarini e Ana Regina Rigotto Lazzarini. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30 (1), 95-122, 2012. [The Nature of the Therapeutic Action of Psychoanalysis. *Int. J. Psychoanal*, 15]

Ação terapêutica da psicanálise vista desde o paradigma da complexidade

- Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (1991). *The embodied mind: cognitive science and human experience*. MIT Press, 1993.
- Von Foerster, H. (2003). *Understanding understanding essays on cybernetics and cognition*. New York: Springer-Verlag.
- Wallerstein, R. S. (1968). One psychoanalysis or many? *Int. Journ. Psycho-Anal.*, 69, part. I, Editorial.

Recebido em 19/02/2019

Aceito em 20/05/2019

Revisão gramatical de **Fernanda Lisbôa**

Revisão técnica de **Karem Cainelli**

Luiz Ernesto Cabral Pellanda

Rua Dr. João Satt, 25/903A

91360-394 – Porto Alegre – RS – Brasil

luiz@pellanda.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA